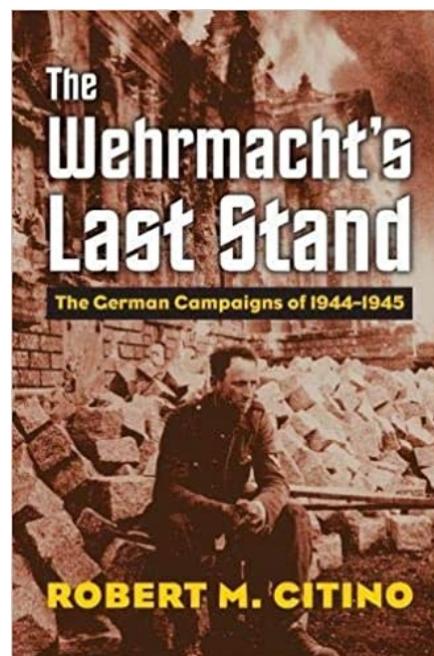


Robert M. CITINO: *The Wehrmacht's Last Stand: The German Campaigns of 1944-1945*, Lawrence, University Press of Kansas, 2017, 632 pp., ISBN: 9780700624942.

Rafael Licinio Tavares
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Brasil

Uma perspectiva moderna dos últimos momentos do Terceiro Reich e suas batalhas

O livro de Robert M. Citino, *The Wehrmacht's Last Stand: The German Campaigns of 1944-1945*, é o terceiro de uma trilogia tratando da experiência alemã na Segunda Guerra Mundial, este sendo especificamente sobre os anos de fechamento da guerra, narrando a situação crescentemente desesperadora das forças armadas do Terceiro Reich a medida que eram confrontadas com a realidade de uma derrota total. Acompanhando o processo de exponencial dismantelamento da capacidade alemã de travar guerra, Citino apresenta os principais fatores que contribuíram para a derrota da Alemanha Nazista e, também, os que a permitiram resistir por tanto tempo e contra todas as probabilidades, retendo seu espírito de luta oferecendo batalha aos seus inimigos até o último momento.



O autor oferece uma série de conceitos de origem prussiana que aterram o *ethos* da Alemanha em tempos de guerra. O conceito de *Totenritt*, ou cavalgada da morte, como conceito principal para a resistência alemã, a tradição prussiana exercendo um papel tremendo na mentalidade aguerrida dos alemães para resistir até o último momento, esperando um milagre que emulasse o Milagre da Casa de Brandenburgo, em que Frederico II foi salvo das garras da derrota no último instante. Em especial, é apresentado como esse fenômeno se manifesta não apenas no grande plano político e estratégico da guerra, na recusa do Terceiro Reich de desistir da luta e se render, mas também à nível individual, com pequenas unidades alemãs cercadas encarando a derrota e aniquilação com uma coragem resoluta anômala.

O primeiro capítulo inicia-se no bolsão de Korsun, passando pelos eventos que o precederam. A análise de Citino mescla objetividade dos aspectos táticos, operacionais e estratégicos com a narrativa histórica, enquanto apresenta anedotas pontuais que

ilustram seus pontos argumentativos. A situação aterrorizante para os soldados alemães, a fragilidade logística do seu avanço superestendido e a falta de reservas ou quaisquer fortificações para as quais recuar. São feitas considerações factuais a respeito dos desastres de Estalingrado e Kursk, que efetivamente marcaram a virada da guerra ao destruírem a capacidade de lutar ofensivamente da *Wehrmacht*. Com a recuada desesperada, é dado destaque para a grande diferença entre formações, em que unidades alemãs esgotadas protegem grandes extensões de linhas defensivas na Ucrânia contra formações soviéticas não apenas melhor supridas, mas também maiores. O embate entre os oficiais de campo, como Manstein, que desejavam lutar a guerra sem interferência da política de Hitler, que insistia em não ceder um centímetro de território. Aqui o autor argumenta que, enquanto a tarefa era impossível, Hitler estava justificado em sua demanda de forma a manter seus aliados finlandeses, romenos e húngaros na guerra, continuando a prover grande parte do esforço de guerra naquele frente como estavam fazendo, sendo que seus territórios seriam os primeiros ameaçados se terreno fosse cedido e seriam, portanto, derrotados ou rendidos.

A perspectiva de Manstein é explorada; sua aplicação bem-sucedida do *Rochade*, prática do xadrez em que trocava unidades de posição para contra-atacar, apenas deu a *Wehrmacht* tempo, sendo uma ação inconclusiva e que não resultou em vitórias estratégicas. Os aspectos táticos e até mesmo técnicos são explorados, demonstrando a superioridade de material e treinamento alemão, mas a narrativa se destaca ao apresentar e costurar muito bem os desdobramentos estratégicos e como o mesmo se relaciona com o plano político, logístico e individual. Citino também apresenta as diferenças de capacidade operacional entre os contendores, a capacidade de se planejar e conduzir campanhas. O Bolsão de Korsun termina como uma derrota tremenda para os alemães, mas Hitler apresenta a custosa evacuação das forças lá cercadas como um milagre e exemplo de tenacidade prussiana, reforçando assim a crença na *Totenritt*. Há um óbvio contraste disto com o fechamento da campanha, que apresenta o real estado da *Wehrmacht* em 1944, de completa inoperabilidade.

O segundo capítulo mostra a defesa da península italiana por Kesselring e seu otimismo latente, contrastando com a tradição prussiana arraigada na *Wehrmacht*, como evidenciado em seus subalternos, mais proeminentemente em Mackensen, comandante do 14º Exército lutando contra a ofensiva em Anzio. Fica aparente a constante superioridade material e numérica dos Aliados e como as decisões de Hitler e do OKW eram completamente desconectadas da realidade do campo de batalha, com a insistência em ataques e defesas quando estas não eram possíveis. A resiliência alemã, no ataque e na defesa, partindo do conceito de dos “cinco minutos para meia-noite”, em que se lutando a batalha até o final, por mais desesperadora que a mesma fosse, ainda seria possível se vencer, é uma constante na explicação do autor sobre a motivação do regime

hitlerista. A derrota alemã na guerra, portanto não era garantida, da mesma forma que a vitória também não era, mas para o nacional-socialismo apenas a vitória era possível.

Narrando a derrota total da Wehrmacht no dia D, Citino expõe os problemas com a cadeia de comando das forças alemãs na França ocupada, nem Rommel nem Rundstedt possuíam autoridade sobre suas próprias forças, competindo entre si e Hitler, sendo que as divisões SS também não respondiam operacionalmente ao comando convencional do exército. Apesar de inúmeros problemas de material, pessoal, comunicação, a ausência total da força aérea, o real motivo para a derrota foi a total superioridade material dos aliados “mataram uma mosca com um martelo”, trazendo todo o peso econômico dos Aliados ocidentais para a guerra.

Analisando a Operação *Bagration*, Citino afirma, apresentando vários fatores pertinentes, que a Wehrmacht havia atingido em 1944 inoperabilidade total, com uma falta generalizada de reservas de soldados e um processo quase que completo de desmotorização. Em contrapartida o Exército Vermelho conseguiu estabelecer dominância multiespectral, ganhando a vantagem em todas as áreas do conflito. A maturação da forma dos russos de se fazer guerra, conceitos de batalha profunda e *maskirovka*, somadas a ineficiência alemã e a total ausência de reservas levou a destruição de um grupo de exército completamente, apagando o Grupo de Exército Central do mapa e perdendo Minsk. Então Citino explora a Operação Valquíria, a sua recepção negativa entre os militares, que viram Stauffenberg como traidor, algo que vai contra a concepção tradicional prussiana de que Yorck é herói, um prussiano que teria contrariado o *Kaiser* para se opor a Napoleão, sendo a principal desculpa do oficial da *Wehrmacht* o juramento feito a Hitler, que não poderia ser quebrado. Emular Yorck, portanto, seria impossível, com os subornos de Hitler para o alto oficialato, a brutal ameaça da vingança soviética, a identificação dos oficiais com o regime nacional-socialista, e a herança de 1918 que era um imperativo para essa nova guerra ser travada até os momentos finais, sem interrupção, “custe o que custar”.

Revisitando a Normandia Citino narra o desmembramento do alto-comando da OKW por meio de superioridade aérea aliada, somada essa à superioridade de reservas de pessoal e de artilharia, sendo um trunfo tático para os Aliados, mesmo que a vantagem tática geral ainda era alemã por qualidade de material e treinamento. A derrota teria sido a nível operacional e estratégico, com os alemães incapazes de empurrar os Aliados de volta ao mar, executando poucas ofensivas blindadas inconsequentes. As demandas de Hitler continuaram absurdas, criando “portos fortaleza”, comprometendo grandes quantidades de recursos, prometendo armas milagrosas e repetindo que os ingleses sairiam da guerra quando atacados por foguetes V1. Não havia a menor chance de os alemães triunfarem na Normandia, na Itália ou no Leste, e tanto Hitler quanto os generais estavam errados. Esta seção culmina na adaptação de Bradley da prática de batalha profunda soviética durante a Operação Cobra, mesmo que inadvertidamente,

derrotando a ofensiva alemã em Mortain. A grande consequência da batalha da Normandia: o aprisionamento da reserva estratégica alemã no Oeste, comprometendo consideravelmente o desempenho do combate no Leste.

A ascensão de Model, em um momento em que o ritmo operacional soviético mirava em novos núcleos logísticos, comprometendo ainda mais a mobilidade debilitada dos alemães, é apontada por Citino como um dos grandes motivos da continuada sobrevivência da *Wehrmacht* na luta contra os russos. Nesse momento, em meados de 1944, o aumento da confiança e capacidade operacional soviética, com uma maior colaboração de Stalin e seus generais, representava um processo inverso ao que acontecia no campo alemão. A independência e operacionalidade bruta e eficiente de Model impediram catástrofe no ataque bem orquestrado de Rokossovsky, enquanto também conectava os Grupos de Exército Sul e Centro, antes isolados. Em vários momentos são feitas observações sobre a história militar alemã/prussiana enquanto são rastreadas causas de práticas e comportamentos modernos nessa herança. O que teria feito os alemães perderem a guerra aqui foi a expansão geográfica do fronte leste, já que a tradição prussiana se desenvolveu no laboratório confinado da Europa Ocidental e na imensidão russa não era possível ter divisões suficientes para manter a linha e qualquer avanço seria bloqueado e cercado.

Narrando a operação *Dragoon* – operacionalmente perfeita, de acordo com o autor – Citino revela a situação desesperadora que se repetia para a *Wehrmacht* no sul da França. Sem comunicação ou reconhecimento, zero mobilidade estratégica e mobilidade operacional limitada, os alemães foram literalmente atropelados pelos Aliados. O avanço apenas foi interrompido por dificuldades logísticas e não por uma resistência definitiva alemã. Mesmo quando os alemães conseguiram reorganizar uma resistência, como na cidade fortaleza de Belfort, as ofensivas no sul da França não se alteraram e a *Wehrmacht* continuou presa na sua narrativa falsa de resistência fanática, “cada aldeia uma fortaleza”, e lá mais 100 mil alemães morreriam e os nazistas seriam novamente derrotados, mesmo que a grande custo. Com a crescente pressão que os Aliados impunham na *Wehrmacht*, Model reposicionou seus recursos de forma a manter a linha – as divisões *Volksgrnadier*, antes uma formação emergencial e enfraquecida, agora eram implementos oficiais das forças alemãs. Recursos e pessoal foram desviados das defesas antiaéreas na Alemanha e da luta na Itália, e enquanto essas decisões estabilizaram o fronte ocidental, eram becos sem saída estratégicos e a *Wehrmacht* estava dando seus sinais finais de autofagia.

Mas enquanto a situação estratégica era desesperadora, a capacidade tática permanecia brilhante. Citino aponta a historiografia da Operação Market Garden, que comumente aponta o fracasso da operação Aliada com raízes em um planejamento desconectado da realidade. Mas como o autor coloca, “o inimigo também possui um voto”, narrando a enorme capacidade de improvisação, planejamento e de eficiência em

combate dos alemães, em especial ao moldarem *Kampfgruppen* espontaneamente, em variadas formações e níveis de comando. De tal forma que a operação teria falhado pois assim fizeram os alemães que acontecesse.

A guerra posicional que se seguiu nas proximidades da Linha *Siegfried* foi custosa em perdas humanas, mas perdas que podiam ser sustentadas pelos americanos e não pelos alemães. O capítulo seguinte acompanha o preparo de execução da Operação *Wacht am Rhein*, conhecida mais comumente como Batalha das Ardenas, a última grande ofensiva alemã da guerra e a tentativa de se quebrar esse front estático insustentável a longo prazo. Aqui os alemães estavam de volta em seu elemento agressivo e tiveram sucesso tático e operacional considerável, mesmo quando utilizando as divisões *Volksgrenadier* de qualidade questionável, e infligiram grandes perdas no exército americano – as piores do teatro europeu. Apesar disso, as linhas americanas se mantiveram e os ganhos projetados por Hitler nunca foram alcançados, as linhas logísticas alemãs sendo insuficientes para manter o assalto, o próprio falhando onde a resistência aliada era mais acirrada.

Com o colapso total e tomada de iniciativa por parte de Eisenhower, a ameaça da operação foi neutralizada e para os alemães se tornou um fracasso total, com um gasto enorme de combustível, veículos e pessoal. Com a melhora do clima depois de uma semana a força aérea aliada voltou a participar da batalha, tornando a vida do *Landser* alemão ainda mais difícil e eliminando qualquer possibilidade da *Wehrmacht* se movimentar durante o dia e interrompendo o já debilitado fluxo de suprimentos – aqui o autor faz uma descrição detalhada das deficiências da *Luftwaffe*, em especial na capacidade de produção e novos designs eficientes. Citino argumenta que foi no ar que a Alemanha perdeu a Batalha das Ardenas.

A última ofensiva alemã da guerra exauriu seus últimos recursos estratégicos, acelerando sua derrota. No final da guerra não havia grande estratégia para virar a maré da guerra pois a situação não possuía solução. Era impossível para a Alemanha Nazista, desgastada por 6 anos de guerra e tendo perdido já seus melhores recursos, humanos e materiais, de vencer a guerra ou até mesmo de se defender apropriadamente. Uma ilustração do problema em que se encontrava a Alemanha é a substituição das unidades *Volksgrenadier*, de soldados recrutados e inválidos, pelas *Volkssturm*, essas formadas por civis forçados no serviço militar. E seguindo a tradição de “cinco minutos para meia-noite” Citino narra como o moribundo exército alemão se ergueu para mais um ataque, a Operação *Nordwind*, na sequência de *Wacht am Rhein*, atacando contra os Aliados Ocidentais na Alsácia e se recusando a aceitar a realidade da guerra já perdida.

Em termos táticos, a Operação *Nordwind* teve muito mais sucesso do que sua antecessora; Citino narrando o avanço rápido feito pelos alemães nas Montanhas Vosges, e mesmo quando esse foi interrompido por uma resistência americana reorganizada e as sempre presentes dificuldades logísticas do lado alemão, foi rapidamente substituída por

outro avanço no Reno, liderado este pelo próprio Himmler. Mas a situação para os alemães logo se tornou insustentável, não sendo possível manter o combate ofensivo acirrado por muito tempo, sem capacidade de suprir ou substituir as tropas que avançavam. Enquanto território foi ganho com a *Nordwind*, sua importância estratégica era irrisória. Apesar disso, foi a última mostra de excelência bélica por parte dos alemães, um último teste de proeza militar executado por um exército que morria.

No final do livro, Citino revisita o fronte russo, narrando rapidamente o avanço fulminante que levaram os soviéticos a conquistarem Polônia, Hungria, Iugoslávia, e entrarem em território alemão, enquanto prendiam o Grupo de Exército Norte na Letônia. A grande ofensiva soviética que varreu os alemães de Varsóvia até Berlim foi uma repetição dos últimos dois anos da guerra: uma força com incrível superioridade numérica e logística, lutando contra um exército que, enquanto eficiente e por vezes fanático, já estava exaurido há muito tempo. Do outro lado, os Aliados atravessavam o Reno, se preparando para a última batalha.

A derrota final da Alemanha Nazista veio a um preço terrível, como evidenciado pela narrativa acerca da Batalha de Berlim e as muitas atrocidades cometidas lá. O autor explora todos os pontos da guerra, por mais desconfortáveis que sejam, inclusive lidando com o mito da “*Wehrmacht* limpa”. O livro de Citino é denso, entrando em detalhes que reforçam sua análise do plano geral da experiência alemã durante a Segunda Guerra, essa que é das mais completas, e dentre as produções mais recentes, talvez a mais inestimável em seu esforço de revisão historiográfica e procedimento de investigação histórica.